

Qualidade de Vida



POPULAÇÃO DA AMAZÔNIA QUER DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

**Márcia
Soares**

Pesquisa de opinião realizada no segundo semestre de 2000 com a população amazonense e com lideranças locais mostra que os moradores desejam, sim, o desenvolvimento, mas com a conservação de seu maior bem: a floresta.

Desenvolvimento com preservação da floresta: esse é o futuro que a população amazonense espera para a região, de acordo com uma pesquisa feita com 2.049 pessoas pelo Fundo Mundial para a Natureza (WWF, sigla em inglês) e pelo Instituto de Estudos da Religião (Iser) sobre desenvolvimento e meio ambiente. Para os amazônidas – pessoas que vivem na Amazônia – o desenvolvimento econômico deve estar atrelado à conservação do meio ambiente. Eles estão falando, sem mesmo saber, em desenvolvimento sustentável, embora apenas 21% já tenham ouvido esse termo.

Pela primeira vez foi dada a palavra à população que vive dentro da floresta mais rica em biodiversidade do planeta, e que atrai a atenção de muitos países desenvolvidos. Eles mostraram na pesquisa que prezam os recursos naturais e condenam o desmatamento, principal problema da Amazônia, juntamente com as queimadas. Os madeireiros aparecem como os vilões do atual modelo de desenvolvimento: 57% dos entrevistados acham que não é necessário cortar madeira para desenvolver a região, e apenas 5% defendem a indústria madeireira.

Segundo a pesquisa, realizada em duas etapas, uma quantitativa e outra qualitativa, os habitantes da região e as lideranças locais estão conscientes de que é preciso controlar o uso dos recursos naturais e acham que o Brasil pode, sim, “dar-se ao luxo de se preocupar com problemas ecológicos” (69%). Na opinião dos amazônidas, além da destruição da floresta (24%), também são fatores que prejudicam a Amazônia a falta de apoio do governo federal (20%), a caça e a pesca descontroladas (20%) e a posição dos países ricos, como Estados Unidos, Alemanha e França (13%).

O desenvolvimento do turismo ecológico é visto como uma boa alternativa para a região, mas o que não faltam ali são vocações econômicas. Além do ecoturismo, a Amazônia tem forte potencial para a pesquisa científica, a silvicultura, bancos genéticos para melhoria de

culturas, além de produção de alimentos, medicamentos, fibras, óleos, resinas etc. Todas são atividades sustentáveis, que não esgotam a base de recursos que as mantêm.

Mesmo sendo favoráveis à construção de estradas e hidrovias, ao desenvolvimento da agricultura e à extração de minérios, os habitantes da Amazônia esperam do governo que tais obras de infra-estrutura e expansão econômica se deem de forma planejada, compatível com a preservação da natureza. Ou seja, eles acreditam que o desenvolvimento sustentável pode trazer-lhes uma melhor qualidade de vida. As próprias lideranças empresariais, também ouvidas na pesquisa, admitem que a agricultura e a pecuária devem ser feitas preferencialmente em áreas já desmatadas. No entanto, devido à forma como essas medidas têm sido implementadas, a região tem sofrido muitos impactos ambientais.

Participação popular

Se depender da população local, o quadro de degradação da Amazônia pode se reverter. Quando se trata de trabalho voluntário, 67% têm alguma ou muita disposição para colaborar, seja apoiando um abaixo-assinado ou participando de reuniões ou mutirões. Mais da metade afirma que o aumento da poluição não se justifica, nem mesmo para gerar mais empregos. "Os resultados da pesquisa mostram a grande parcela da população que quer desenvolver a Amazônia sem destruir a natureza", avalia Garo Batmanian, doutor em Ecologia e secretário-geral do WWF-Brasil.

A solução para os problemas ambientais da região, segundo 61% dos entrevistados, está nas mãos do poder público, sendo que 49% esperam ações da prefeitura e 12% do governo estadual. Ao mesmo tempo, o governo federal ocupa o terceiro lugar no *ranking* de quem mais se preocupa com a Amazônia. Na frente estão o Exército (38%) e as organizações não-governamentais (23%). As organizações ambientais são vistas com simpatia por 75% dos entrevistados e o Ibama é, sem dúvida, a entidade mais conhecida na região.

A maioria se acha mais ou menos informada sobre o assunto. Se as notícias sobre meio ambiente chegam a essas pessoas pelos noticiários de TV (77% afirmam isso), por jornais (25%) ou por programas de rádio (22%), o fato



é que 48% acham a qualidade ambiental do país regular e 73% percebem que a natureza vem se deteriorando. Com sensibilidade para observar que o ambiente ao seu redor está se transformando, 74% dos que responderam ao questionário disseram que a quantidade de árvores no local onde vivem está diminuindo, e sabem que isso é consequência do mau uso da terra. Eles também percebem a diminuição dos exemplares de aves e mamíferos, mas aprovam a manutenção de animais silvestres em cativeiro, desde que se trate bem deles. Afinal, isso já faz parte da cultura local, assim como o hábito da caça e da pesca.

Para realizar a etapa quantitativa da pesquisa, 32 entrevistadores partiram para as zonas rural e urbana de nove municípios amazônicos, entrevistando um total de 2.049 pessoas das comunidades, entre os meses de agosto e outubro de 2000. A amostra foi representativa do total da população e tomou por base os dados do censo do IBGE, assegurando quotas semelhantes de cada sexo, idade, renda, e meio rural e urbano.

Lideranças condenam programa *Avança Brasil*

A pesquisa realizada pelo Iser também foi a campo ouvir lideranças dos estados do Amazonas, Acre, Pará e Roraima. Nessa etapa qualitativa foram entrevistadas 90 pessoas, representando diversos setores da sociedade. Cien-

tistas, empresários, parlamentares, técnicos de governo, ambientalistas, militares e a imprensa foram unânimes em destacar que o maior problema da região é o desmatamento. Além disso, houve uma crítica generalizada ao programa *Avança Brasil*, do governo federal, da forma como hoje ele está planejado.

O *Avança Brasil*, voltado para o desenvolvimento da região, prevê a pavimentação ou construção de 8.000 quilômetros de estrada. Até 2007, devem estar operando mais de uma dezena de portos e quatro aeroportos novos ou ampliados, dois gasodutos, três usinas termelétricas e as polêmicas hidrovias Araguaia-Tocantins (2.250 quilômetros) e do rio Madeira (1.056 quilômetros), além de milhares de quilômetros de transmissão de energia e de um novo trecho de 1.400 quilômetros da Ferrovia Norte-Sul. O ministro do Meio Ambiente, José Sarney Filho, afirma, porém, que os projetos previstos para a Amazônia podem ser revistos, se ficar demonstrado que prejudicarão a floresta.

A pesquisa mostrou que aqueles que necessitam do escoamento de madeira ou acham que a soja deve entrar na Amazônia apóiam o programa. A maioria, no entanto, está preocupada com a maneira como essas estradas passarão sobre reservas indígenas e se a floresta, grande vocação amazônica, será atingida pelas obras. De todo jeito, o conceito de desenvolvimento sustentável apareceu nos vários setores, mesmo entre



Foto: Luiz F. Silva

Angela Arruda,
coordenadora da
pesquisa de campo da
etapa qualitativa.

os empresários. Só os militares não dão ênfase à questão.

“Os resultados mostraram que existe uma visão da Amazônia multifacetada: de um lado, os militares acreditam que a região é fundamental para uma estratégia de desenvolvimento do país, por ser rica em energias renováveis, com potencial hídrico etc; do outro, estão os empresários que lidam com agricultura, atividades agropastoris. Tem, ainda, entre outras visões, os ambientalistas preocupados com o futuro da floresta”, ressalta Angela Arruda, coordenadora da pesquisa de campo da etapa qualitativa.

Outro resultado interessante da parte qualitativa da pesquisa diz respeito ao futuro da Amazônia. Existe uma polaridade em torno do tema: uns são mais otimistas, outros bastante pessimistas. Ambas as opiniões aparecem em todos os segmentos. Angela conta que os pessimistas acham que no futuro a Amazônia vai ser toda devastada e só sobrarão oásis, ilhas de desenvolvimento

sustentável. A preocupação deles é justificada. Do descobrimento do Brasil até o final da década de 70, 4% de toda a Amazônia havia sido devastada. No entanto, caso nada seja feito para estancar a destruição, daqui a apenas 20 anos poderão restar somente 28% da mata virgem, na melhor das hipóteses, segundo pesquisadores.

Para os otimistas, no entanto, a Amazônia poderá ter um futuro melhor se tiver como modelo experiências como as que vêm sendo realizadas pelos governos do Acre e do Amapá, que estão investindo numa política de desenvolvimento sustentável para sua região. “É a primeira experiência do gênero em nível governamental e foi bastante elogiada pelos entrevistados, vista como um sopro de oxigênio, uma esperança real para a região. Apesar das dificuldades que a proposta vem enfrentando, existe um interesse geral para que dê certo”, explica Angela.

Os entrevistados reclamam, de forma geral, de uma falta de comprometimento dos políticos com os interesses ecológicos e os criticam por se prenderem apenas a questões pessoais e econômicas. Apesar disso, foi ressaltado o empenho de alguns políticos verdes, comprometidos com a causa amazônica. Eles sugerem, ainda, algumas medidas importantes para o crescimento sustentável do local, como repensar o programa *Avança Brasil*, bem como o Código Florestal, em termos específicos da Amazônia. Propõem, também, revisar a política de assentamento, proteger as populações tradicionais, regulamentar o acesso aos recursos genéticos, criar um programa de capacitação técnica e desenvolver o zoneamento. Acrescentam, ainda, um item que consideram fundamental: pensar numa política urbana para a região, que atualmente cresce de forma desordenada.

Quanto às organizações não-governamentais, os pesquisados destacaram que existe um ambientalismo típico da Amazônia, diferente de outros, com uma dimensão social e cultural bastante intensa, não só preocupado com a ecologia, mas com as formas de produção local, com a sobrevivência das populações tradicionais. Na opinião de Angela Arruda, esse ambientalismo específico nasceu do movimento dos seringueiros. “É o chamado ambientalismo amazônida”, define.

Entre as ONGs, o WWF surgiu na pesquisa como a entidade mais confiável. Outras instituições também foram citadas, como o Greenpeace, o Instituto Sócio-Ambiental (ISA) e o Imazon. No que diz respeito à credibilidade dessas instituições, os setores que têm menos contato com o trabalho das ONGs são os que mais desconfiam delas. Os mais resistentes alegam que essas entidades recebem dinheiro de fora e, por isso, são suspeitas. Em contrapartida, os setores que trabalham em parceria com essas organizações confiam nelas e as consideram importantes para o desenvolvimento sustentável da região.

Professora do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Angela Arruda acredita que pesquisas como essa são um termômetro para se conhecer e entender as idéias dos diferentes setores de um determinado local. Também permitem levantar elementos que devem ser olhados atentamente pelo administrador público e pela imprensa, com o intuito de conhecer os problemas regionais com maior solidez. “O trabalho com as lideranças é mais analítico, é o pensamento em movimento”, reflete.

Como vivem os Amazônidas

Em sua maioria, os amazônidas vivem em casas rústicas (70%): menos da metade das casas é abastecida com água encanada (49%) e apenas 14% estão conectadas a uma rede de esgoto. Dessas residências, 31% não contam com coleta de lixo e 10% não são servidas por rede de energia elétrica. O perfil das famílias entrevistadas é bastante diverso quanto à naturalidade. Apenas um terço nasceu onde vive atualmente e 21% vieram de outros estados. Os economicamente ativos somam 59%, mas apenas 33% estão inseridos formalmente no mercado de trabalho.